

A ESQUIZOFRENIA E SUAS REPRESENTAÇÕES NA MÚSICA BRASILEIRA: A POÉTICA DA LOUCURA

SCHIZOPHRENIA AND ITS REPRESENTATIONS IN BRAZILIAN MUSIC: THE POETICS OF MADNESS

Raquel Rocha¹

Resumo: Este artigo se propõe a investigar os sentidos da loucura e do sujeito louco em cinco músicas que abordam a temática: Balada do Louco, Maluco Beleza, Hino dos Malucos, Bicho de sete cabeças e Sufoco da vida. Objetiva-se comparar os discursos literomusicais sobre o louco e a loucura com as diretrizes pelo Relatório da Organização Mundial de Saúde: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança de 2001. As análises das letras de músicas permitiram a associação com a abordagem de diversos autores e com o relatório da Organização Mundial de Saúde. As canções discutem problemáticas importantes como a violência das instituições manicomiais, a medicalização social e o preconceito. As letras se referem ainda a questão das capacidades do doente e estabelecem uma linha tênue entre a loucura e a normalidade. Mais do que corroborar com as perspectivas da saúde mental, através desta análise acredita-se que a música pode ser um agente coadjuvante no processo de conscientização social conforme recomenda a Organização Mundial de Saúde. Ressalta-se que esta discussão ultrapassa o campo da saúde mental abarcando também o campo da cultura, debatendo como a sociedade se relaciona com a experiência da loucura e, discutindo suas implicações.

Palavras chaves: Saúde Mental, Loucura, Música, Reforma Psiquiátrica.

¹ Psicóloga, Psicanalista, Especialista em Saúde Mental, Especialista em Terapia Familiar, Especialista em Neuropsicologia



Abstract: This article proposes to investigate the meanings of madness and the crazy person in five songs that address the theme: Balada do Louco, Maluco Beleza, Hino dos Malucos, Bicho de sete cabezas and Sufoco da vida. The objective is to compare the literary discourses about the crazy and madness with the guidelines in the World Health Organization Report: Mental Health: new conception, new hope of 2001. The analysis of song lyrics allowed the association with the approach of different authors and with the report from the World Health Organization. The songs discuss important problems such as violence in asylum institutions, social medicalization and prejudice. The lyrics also refer to the issue of the patient's capabilities and establish a fine line between madness and normality. More than corroborating with the perspectives of mental health, through this analysis it is believed that music can be a supporting agent in the process of social awareness as recommended by the World Health Organization. It is noteworthy that this discussion goes beyond the field of mental health also covering the field of culture, debating how society relates to the experience of madness and discussing its implications.

Keywords: Mental Health Madness, Music, Psychiatric Reform.

INTRODUÇÃO

A primeira conceituação de loucura remonta na antiguidade grega com Homero, autor das ilíadas. Para ele, tirar a razão do homem seria uma forma dos deuses mostrarem-lhes que ele não era soberano de si mesmo. Os homens, portanto, não passariam de bonecos a mercê dos deuses. Para Eurípedes (485-406 aC), o homem teria uma parcela de responsabilidade sobre essa ação dos deuses (neste período a loucura começa mudar do enfoque mitológico para o passional). Foi somente com Hipócrates (460- 377 a.C.) que a loucura passou a ser vista como uma questão orgânica. Com ele, não mais os deuses eram responsáveis pela loucura, esta era causada por um desarranjo no equilíbrio de seus elementos essenciais, os humores (calor, frio, secura, umidade) com o ambiente. Hipócrates via o homem como um



ser em equilíbrio orgânico e um desajuste nesse equilíbrio provocaria a doença e a loucura. Por último, Galeno (131-200) restaurou a vida psíquica do homem, estabelecendo o cérebro como sede dos fenômenos mentais. Galeno considerava os aspectos psicológicos como parte da vida mental. (Pessotti, 1994a),

Na Idade Média ocidental a loucura passou a ser vista como uma possessão diabólica. Era um período em que a imposição teológica dominava todas as áreas de conhecimento, assim destacam-se como pensadores da loucura os padres Agostinho e Tomás de Aquino. Na alta idade os doentes mentais eram “cuidados” pelos sacerdotes. Como exemplo encontramos um personagem do escritor francês Vitor Hugo, Quasímodo, um corcunda que foi enclausurado desde a infância nos porões da catedral de Notre Dame. Já no final da idade média a doença mental era considerada como possessão demoníaca. O sujeito louco, possuído pelo demônio, era tratado com a técnica de exorcismo, muitas vezes submetido a torturas, acorrentamento, privações de alimentos quando não eram queimados em praça pública para obter a purificação de suas almas.

No século XVII a razão emanada do pensamento de Descartes influenciava todos os pensadores. O enfoque médico da loucura iniciado por Galeno e Hipócrates volta neste século e a loucura passa a ser encarada como fenômeno natural e da alçada médica.

Nos séculos XVII e XVIII, período da grande internação, a incapacidade de trabalhar faz com que ou loucos juntamente com outros excluídos da sociedade como mendigos, criminosos, idosos, baderneiros sejam aprisionados em antigos leprosários que estavam abandonados pela regressão da lepra. O objetivo não era o tratamento, mas afastar da sociedade essas pessoas consideradas incômodas. Nestes locais o doente mental acabava se animalizando e permaneciam até a morte. (Foucault 1995).

O início do século XIX foi marcado pelo pensamento do médico psiquiatra Philippe Pinel que revolucionou a concepção de loucura de um tempo. Pinel fez a primeira reforma psiquiátrica separando os doentes mentais dos marginalizados e desacorrentando seus pacientes. Para ele a loucura era fruto da imoralidade, quando a razão havia perdido o seu rumo.

Esquirol (1772-1840) conheceu Pinel em 1799, em Paris. Também foi um dos atuantes nas re-



formas das instituições psiquiátricas fundando o primeiro curso para tratamento das doenças mentais. Ele considerava a loucura como resultante de uma predisposição do indivíduo ativada pelo ambiente em que ele vive. Essa teoria é aceita até hoje, após muitos anos de pesquisa, pela psiquiatria moderna.

No final do século XIX ocorre o que foi chamado de “crise da razão” uma dissolução do pensamento de Descartes que havia prevalecido fortemente por tanto tempo. Em quase todas as áreas das ideias surgem questionamentos e é nesse contexto de profunda transformação do pensamento ocidental que surge outro médico: Sigmund Freud.

Para Freud o homem não tem total conhecimento e domínio sobre si mesmo, sendo comandado por desejos inconscientes. Ele preconiza este descentramento da razão ao afirmar que o inconsciente é a base geral da vida psíquica. (Freud, 1900, p.637)

Segundo Foucault, o que Freud realizou de absolutamente novo foi conceber e demonstrar através de sua obra que a loucura é uma “prodigiosa reserva de sentido” ao mesmo tempo em que retém, suspende o sentido: “a loucura abre uma reserva lacunar que designa e faz ver esse oco no qual língua e palavra implicam-se, formam-se uma a partir da outra e não dizem outra coisa senão de sua relação muda.” (Foucault, 1964, p. 216). O autor alega que, com as descobertas de Freud, a loucura tornou-se uma não-linguagem ou uma linguagem dupla, apontando para uma dobra do falado que é uma ausência de obra. Conforme Foucault, é a partir de Freud que a linguagem passou a ser considerada em sua não plenitude e a loucura vista como constituinte do sujeito.

A história mostra que por muito tempo a sociedade não soube lidar com o doente mental. Na maior parte das vezes o louco foi isolado do convívio social, ora queimado na fogueira, ora trancado dentro de uma igreja, ora depositado em antigos leprosários e mais recentemente trancafiado em hospitais psiquiátricos. No Brasil a mudança só começa a ocorrer a partir de 1970 com o movimento Reforma Psiquiátrica que denunciava a violência das instituições manicomiais, propondo uma nova rede de serviços e estratégias para lidar com a doença mental além da tentativa de uma mobilização político social de toda a sociedade. A Reforma Psiquiátrica avança apesar de desafios e conflitos e em



1986 nascem os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. O objetivo dessas instituições é oferecer não apenas o atendimento clínico aos doentes mentais, mas também promover a inserção social dos mesmos através do trabalho, lazer, exercícios de cidadania e fortalecimento de laços com a família e com a sua comunidade. Segundo o ministério da Saúde do Brasil, entre todos os dispositivos de atenção à saúde mental os CAPS têm valor estratégico para a Reforma Psiquiátrica Brasileira uma vez que possibilita a organização de uma rede substitutiva ao Hospital Psiquiátrico.

A despeito dos avanços, a sociedade ainda não sabe como lidar com o louco. A visão estereotipada do louco enquanto perigoso, sujo, improdutivo e causador da desordem permeiam o imaginário social desde a idade média. Segundo o relatório da Organização Mundial de Saúde o doente mental, isolado do convívio social, sofre em silêncio. “Além do sofrimento e da falta de cuidados, encontram-se as fronteiras do estigma, da vergonha, da exclusão e, mais frequentemente do que desejaríamos reconhecer, da morte” OMS (2001, p.12).

Ainda de acordo com as diretrizes da Organização Mundial de Saúde, as mais importantes barreiras a superar na comunidade é a discriminação, e que “torna-se necessária uma abordagem a diversos níveis, incluindo a utilização da comunicação social e dos recursos comunitários, para estimular a mudança.” (2001, p.XXVI). Dessa forma, partindo da hipótese de que a música pode ser um agente coadjuvante neste processo de conscientização social nos propomos a investigar os sentidos da loucura e do sujeito louco em cinco músicas que acreditamos corroborar com os princípios proposto pelo Relatório da Organização Mundial de Saúde: Saúde Mental Saúde mental: nova concepção, nova esperança de 2001, debatendo como a nossa sociedade se relaciona com a experiência da loucura e finalmente e discutindo as implicações dos discursos literomusicais sobre o louco e a loucura de acordo com as novas diretrizes da saúde mental.

Usaremos os termos “louco” e “loucura” neste trabalho por entendermos que é a expressão mais abrangente e ao mesmo tempo mais subjetiva descrevendo tanto os portadores de transtorno mental quanto as pessoas com comportamento destoantes dos padrões estabelecidos pela cultura em que



vive.

O resultado desta análise poderá levar a compreensão acerca do sentido do louco e da loucura na música brasileira que acreditamos corroborar com as perspectivas da saúde mental propostas pela Organização Mundial de Saúde. Dessa forma, esta discursão contribui para a desconstrução do estereótipo do louco e a conseqüente diminuição da discriminação a que estas pessoas são submetidas.

MÉTODOS

Pensando a música como um agente coadjuvante no processo de conscientização social escolhemos cinco músicas que acreditamos corroborar com as diretrizes do Relatório Mundial de Saúde-Saúde mental: nova concepção, nova esperança, analisando os sentidos os da loucura e do sujeito louco nas músicas, debatendo como a nossa sociedade se relaciona com a experiência da loucura e finalmente, discutindo as implicações dos discursos literomusicais sobre o louco e a loucura de acordo com as novas diretrizes da saúde mental. As cinco músicas escolhidas foram: Balada do Louco (composição: Arnaldo Baptista e Rita Lee. Interpretada por Ney Mato Grosso), Maluco Beleza (composição: Raul Seixas. Interpretada por Raul Seixas), Hino dos Malucos (composição Rita Lee, Roberto de Carvalho, Fernanda Young e Alexandre Machado. Interpretado por Rita Lee), Bicho de sete cabeças (composição de Geraldo Azevedo, Zé Ramalho e Renato Rocha. Interpretada por Zeca Baleiro) e Sufoco da vida (composição Grupo Harmonia Enlouquece. Interpretada por Harmonia Enlouquece.)

RESULTADOS

O tema loucura não é de abordagem exclusiva dos músicos, a loucura sempre esteve presente nas artes, na literatura, no teatro, no cinema e na música. Macedo (2002) ressalta que apesar da antiga presença desse tema nas artes é Foucault quem concebe um lugar mais digno e mesmo mais interessante



que o da doença para a loucura afastando-a da medicina e aproximando-a do lirismo e da linguagem literária. O ser de quase loucura do artista louco, ou do louco artista, não é um ser doente. A concepção de Foucault sobre a loucura como linguagem que transgride as leis da razão, que subverte o conceito de obra como obra da razão, aproximando loucura, literatura e obra. A obra tecida com os fios da loucura seria a obra realizada a partir de uma negação, falta, vazio, parêntese, abismo, buraco sem fundo, de uma ausência fundamental de linguagem.

Para melhor compreendermos essa analogia entre o artista e o louco retornaremos a Freud que postulou a loucura como uma fissura gerada por um desgaste na luta entre o ego e a realidade. Freud em seu artigo “Formulação sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911) elucida que no decorrer da evolução os processos inconscientes são os mais antigos e primitivos e era regido pelo princípio do prazer, onde a alucinação alimentava o desejo, tal como acontece com nossos sonhos. Estes processos primários e inconscientes esforçam-se por alcançar prazer e afasta-se, através do recalque, de qualquer evento que possa despertar desprazer.

A arte reconcilia os dois princípios. Um artista é originalmente um homem que se afasta da realidade e concede a seus desejos íntimos completa liberdade na vida de fantasia. No entanto, encontra o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades através da arte.

Como os sonhos e os atos falhos e as parapraxias, a arte propicia a expressão de impulsos e sentimentos reprimidos pelas exigências da sociedade. Isso feito pelo artista é percebido pelos espectadores que compartilham da mesma insatisfação inconsciente pelas renúncias. Freud busca na arte a interpretação dos significados reprimidos e inconscientes, o trabalho artístico é entendido como uma atividade de expressão sublimada de desejos proibidos. Uma das características da obra de arte é o desvio em relação à realidade. Dentro dessa perspectiva, o artista é uma pessoa que tem a habilidade de transformar os impulsos primitivos, sexuais e agressivos, em símbolos socialmente aceitáveis. Na obra “Leonardo Da Vinci e uma Lembrança da sua Infância” Freud explica:



A natureza deu ao artista a capacidade de exprimir seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio do trabalho que cria; e estas obras impressionam enormemente outras pessoas estranhas ao artista e que desconhecem, elas também, a origem da emoção que sentem. (Freud, 1910, p. 64)

O relatório mundial de saúde (2001) começa com a seguinte afirmação “A doença mental não é sinal de malogro pessoal. Não acontece só aos outros.” (p. XI). Freud há um século disse que a loucura está no inconsciente de cada um, ao mesmo tempo em que todo sujeito louco, por mais alienado que seja, possui em si uma parte sadia que não perdeu o contato com o mundo exterior.

Os artistas que compuseram as músicas analisadas neste artigo parecem questionar o tempo todo os limites da loucura e da normalidade, como na música “Maluco Beleza” de Raul Seixas: “Controlando a minha maluquez/ Misturada com minha lucidez” e na “Balada do Louco”: “Eu juro que é melhor / Não ser o normal”

Foucault (1995) aponta como uma das formas de visão da loucura a que permite distinguir o não-louco do louco, pelo critério diferencial do eu e do outro ou do não eu. Comparando o outro a meu eu, vejo se ele é ou não normal. Portanto, os conceitos de loucura são resultados de uma comparação entre as crenças da sociedade, do observador e do sujeito analisado.

O resultado desta pesquisa demonstrou também que não é possível falar do sujeito louco sem falar do “outro”. O outro que o classifica como anormal, que o exclui, o trancafia, o medica. O outro que tem o poder de dizer quem é o louco e quem o normal. A forte referência ao outro é revelada nas músicas “Balada do Louco”: “Dizem que sou louco/ por pensar assim”, ainda na música “Maluco Beleza”: “Enquanto você se esforça pra ser/ um sujeito normal / e fazer tudo igual”. A música “Hinos dos Malucos” revela a dificuldade de adaptação do doente mental em relação aos outros na música: “Vamos incertos pelo caminho/ nos comportando estranhos no ninho”. O “outro” também está presente na música “Sufoco da Vida” levando a uma reflexão sobre diversas facetas da doença mental como a questão



da família: “Minha mãe, meu irmão/ minha tia, minha tia/ Me encheram de drogas/ de levomepromazina.”,

Segundo Foucault a constituição da loucura como doença mental, no fim do século XVIII corresponde a diálogo rompido, um estabelecimento de um limite entre a razão e a “des-razão” que faz com que o homem deixe de se comunicar com o louco. Ele pontua que:

É necessário (...) renunciar ao conforto das verdades confirmadas, e nunca nos deixarmos guiar pelo que podemos saber sobre a loucura. Nenhum dos conceitos da psicopatologia deverá, mesmo e principalmente no jogo implícito das retrospectões, exercer qualquer papel organizador. É constitutivo o gesto que separa a loucura, e não a ciência que se estabelece, uma vez feita esta separação, na calma retornada. (...) Será portanto necessário falar destes gestos repisados na história, deixando em suspenso tudo o que pode fazer figura de conclusão, de repouso na verdade; falar deste gesto de corte, desta distância tomada, deste vazio instaurado entre a razão e o que não é ela, sem nunca se apoiar na plenitude do que ela pretende ser (Foucault, 1961:III)

A questão da violência praticada nas instituições manicomiais também está presente nas letras das músicas que falam sobre loucura. A música “Bicho de sete cabeças” nasceu da parceria entre Geraldo Azevedo e Zé Ramalho com letra de Renato Rocha em 1979. Em 2001 ela ganha uma nova versão na voz de Zeca Baleiro para o filme homônimo que mostrava a história de um adolescente internado em um manicômio psiquiátrico. Composta no período da ditadura militar a música enfoca o tema da intolerância e da violência daquela época. Utilizada como trilha sonora no cinema, a música denuncia as práticas abusivas realizadas nas instituições manicomiais onde muitas vezes o sujeito sadio era tido como louco simplesmente por não ter um comportamento dentro dos padrões considerados normais: “Não tem dó no peito/ Não tem jeito/ Não tem ninguém que mereça/ Não tem coração que esqueça/ Não tem pé, não tem cabeça/ Não dá pé, não é direito/ Não foi nada/ Eu não fiz nada disso/ E você fez/ Um Bicho de Sete Cabeças.”

As falhas dos manicômios são postas em evidência por repetidos casos de



maus tratos aos doentes, isolamento geográfico e profissional das instituições e do seu pessoal, procedimentos deficientes de notificação e prestação de contas, má administração, gestão ineficiente, má aplicação dos recursos financeiros, falta de treino de pessoal e procedimentos inadequados de inspeção e controlo de qualidade. Além disso, as condições de vida nos hospitais psiquiátricos em todo o mundo são deficientes, resultando em violações dos direitos humanos e em cronicidade. (Relatório OMS, 2001 p.97, grifos nosso)

Também na música “Sufoco da Vida” encontramos referência sobre a violência que ainda existe em algumas instituições psiquiátricas: “Me amarram, me aplicam/ Me sufocam num quarto trancado.” A questão principal da música “Sufoco da Vida”, no entanto, é a da medicalização social. A música é do grupo “Harmonia Enlouquece” surgido em 2001, no Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro através do projeto “Convivendo com a Música”. O projeto visava oferecer aos usuários da instituição diversas atividades ligadas a música desenvolvendo a expressão, a criatividade através de encontros para ouvir, cantar e compor músicas. As canções do grupo “Harmonia Enlouquece” são sobre a temática do transtorno mental e a música Sufoco da Vida ganha alcance nacional expondo questionamentos sobre a questão da medicalização: “Haldol, Diazepam/ Rohypnol, Prometazina. Meu médico não sabe como me tornar um cara normal (...) Socorro sou um cara normal asfixiado”

Para Gentil e cols, (2007) com a descoberta dos psicofármacos nos anos 50 aliada a ênfase preventiva assumida atendimento psiquiátrico após a segunda Guerra Mundial, a psiquiatria deixou de ser um saber voltado exclusivamente ao tratamento da loucura para dedicar-se a medicar qualquer manifestação de sofrimento psíquico, chegando mesmo a recomendar a medicação de pessoas reconhecidamente portadoras de perfeita saúde mental. Hoje, a medicalização inconsequente do sofrimento psíquico tem levado muitas pessoas a uma dependência química muitas vezes desnecessária, que a incapacita produtivamente para a sociedade.

Além da medicalização irresponsável existe um estigma que tira do doente mental de sua autonomia enquanto agente produtivo, gerando um círculo vicioso, pois da mesma forma que o preconceito impede o doente mental de trabalhar, o fato de portador de doente mental ser apenas um ser que gera



despesas, um peso para a sociedade, gera mais discriminação.

Hoje o doente mental não é mais depositado em leprosários, mas ainda é visto na maioria das vezes como ser incapaz. Nossa sociedade não estimula os portadores de transtornos mentais a trabalhar, criar, transformar, ignorando que muitas vezes a doença mental não incapacita o sujeito em todas as suas possibilidades.

Nesta música “Hino dos Malucos” de Rita Lee, percebemos uma clara analogia entre a loucura e a genialidade: “Mas todo mundo que é genial/ Nunca é descrito como normal”. Uma analogia verificada em muitos gênios da nossa história e apontada já nos primórdios da civilização através de Platão que acreditava que a loucura divina é base essencial de toda criatividade.

O artigo “Sobre Gênios e Loucos” da revista *Mente & Cérebro* aponta uma série de artistas célebres como Vincent van Gogh, Paul Gauguin, Lord Byron, Liev Tolstói, Serguei Rachmaninov, Piotr Ilitch Tchaikóvski e Robert Schumann que eram portadores de graves transtornos psíquicos. Podemos acrescentar a esta lista ainda Ludwig Van Beethoven (tendências depressivas, transtorno bipolar e pensamentos suicidas), o grande cientista Isaac Newton (tendências psicóticas e alterações de humor, suas cartas delirantes levam ao hipótese de esquizofrenia) e o matemático e economista John Nash (esquizofrenia paranoide) ganhador do prêmio Nobel de economia em 1994.

Sem pretensão de adentrar na questão da relação entre a genialidade e a loucura este artigo procura apenas enfatizar que o doente mental tem capacidades para ser um agente produtivo no meio social em que vive. Não necessariamente se tornando célebre, mas exercendo, caso ele queira, uma função que lhe que lhe atribuía dignidade enquanto sujeito capaz de exercer sua cidadania.

Ainda de acordo com o Relatório Mundial de Saúde (2001 p.125-126) a reabilitação psicossocial das pessoas com esquizofrenia (o chamado louco) abrange diversas medidas, que vão da melhoria da competência social e das redes de apoio ao apoio familiar. No centro deste processo destaca-se a autonomia do doente mental e a redução da discriminação mediante o esclarecimento da opinião pública, sendo o respeito pelos direitos humanos um dos princípios orientadores dessa estratégia.



DISCUSSÕES FINAIS

O campo de significados e percepções da loucura cabe nas representações do imprevisível. Adjetivar alguém de louco é também adjetivar possíveis dificuldades ou inaptações. O louco não segue as regras sociais e isso gera desconforto para todos a sua volta. Por séculos a condição de enfermidade social do louco implicava depurar a sociedade e a parentalha dessa convivência patológica, de modo que cabia higienizar, afastar o louco, eliminá-lo do cotidiano, para tal.

Ainda hoje existe um forte estigma social: o louco é homem sujo que fala sozinho e corre atrás das crianças nas ruas, é o assassino cruel que mata sem motivos, é o velho que anda com o saco nas costas. O louco é visto como incapaz de trabalhar, de ser produtivo para a sociedade, por isso sua imagem é associada a do mendigo, do bêbado, criminosos, velhos e desordeiros. A luta antimanicomial busca mudar esse cenário de preconceito que se instaurou ao longo da história. A produção de trabalhos questionando o modelo psiquiátrico vigente foi ganhando espaço a partir dos anos 80 e em 2001 o relatório da Organização Mundial de Saúde vem contestar as antigas concepções de saúde mental além de propor metas para o estabelecimento de um modelo de cuidado, “uma nova esperança”.

Este artigo buscou comparar a concepção da loucura e do sujeito louco no discurso literomusical de cinco músicas brasileiras. As análises das letras dessas músicas permitiram a associação com a abordagem de diversos autores e com o relatório da OMS (2001) uma vez que as canções abordam problemas importantes como a violência das instituições manicomiais, a questão da medicalização social e o preconceito da sociedade. As letras tratam ainda da questão das capacidades do doente mental levando a refletir sobre a importância da inserção do doente em atividades produtivas. Por último, as canções revelam a linha tênue entre a loucura e a normalidade. Se “eu sujeito normal” não me diferencio muito do “ele sujeito louco” logo não posso desprezá-lo, já que somos semelhantes.

Assim sendo, entendemos que a visão da loucura na música é consonante com o que pre-



niza as novas diretrizes da saúde mental. Mais do que corroborar com as novas perspectivas da saúde mental, através desta análise acreditamos que a música pode ser um agente coadjuvante no processo de conscientização social como recomenda a OMS. Para a mesma, uma das principais recomendações é conscientizar a sociedade através de campanha de sensibilização e educação do público visando reduzir o estigma e a discriminação.

Devem ser lançadas, em todos os países, campanhas de educação e sensibilização do público sobre a saúde mental. A meta principal é reduzir os obstáculos ao tratamento e aos cuidados, aumentando a consciência sobre a frequência das perturbações mentais, a sua susceptibilidade ao tratamento, o processo de recuperação e o respeito pelos direitos humanos das pessoas com tais perturbações.” (OMS, 2001, p.XVII)

Ainda de acordo com as diretrizes da OMS, as mais importantes barreiras a superar na comunidade são o estigma e a discriminação, e que “torna-se necessária uma abordagem a diversos níveis, incluindo a utilização da comunicação social e dos recursos comunitários, para estimular a mudança.” (2001, p.XXVI).

Além de contribuir com a diminuição do estigma a música pode também ser um agente de ressignificação para o próprio doente em relação a sua condição de sujeito louco. O sujeito louco das canções analisadas valoriza a individualidade: “Malucos, somos iguais a diferença” ao mesmo tempo em que não se abstrai da normalidade “Sou um cara normal asfixiado”. O sujeito louco é alguém que não vive em função das conquistas materiais: “Se eles têm três carros / eu posso voar” e aquele que não encara a traição como algo trivial: “Você me traiu e disse que é normal”, o sujeito das canções luta pela aceitação “Nós, os malucos, vamos lutar, pra nesse estado continuar” e ele próprio reconhece sua condição: “E esse caminho que eu mesmo escolhi, é tão fácil seguir por não ter onde ir”. Principalmente o sujeito louco das canções analisadas é feliz: “Nunca sensatos nem condizentes, mas parecemos supercontentes” e “Dizem que sou louco por pensar assim. Se eu sou muito louco por eu ser feliz”.



REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M., 1961. Folie et Dérison. Histoire de la Folie à l'âge Classique. Paris: Plon

FOUCAULT, Michel. “A Loucura, a Ausência da Obra”. In Ditos e Escritos, v. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1964.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura. 4.ed. São Paulo:Perspectiva. 1995.

FREUD, Sigmund (1900) A interpretação dos Sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago: Rio de Janeiro, 1996;

FREUD, Sigmund, Uma Lembrança de Infância Leonardo da Vinci (1910_ In Edição Standard Brasileira das Obras Completas – (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 2004. (publicado originalmente em 1911).

GENTIL, V., Zilberman, M., Lobo, D., Henna, E., Moreno, R., & Gorenstein, C. (2007). Clomipramine-induced mood and perceived performance changes in selected normal individuals. *Journal of Clinical Psychopharmacology*, 27, 314-315.

MACEDO, L. F. . Michel Foucault e a experiência trágica da loucura. In: VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada., 2002, Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; Relatório Mundial da Saúde. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2001.



PESSOTI, I. (1994a). Conceito de loucura na Antiguidade. In I. Pessotti. A loucura e as épocas (pp. 12-51). Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.

Portal do Ministério da Saúde www.saude.gov.br/

Revista Viver Mente & Cérebro - Scientific American. Ano XIII Nº 143 Dezembro 2004 - www.vivermentecerebro.com.br

